

J. M. DANTAS

PAIXÃO
de Quarentena



• ANTOLOGIA
APAIXONADOS



Dedico essa noveleta a todos os casais que estão passando por essa pandemia e ainda assim conseguiram segurar a barra. Não está sendo fácil a convivência, mas com sabedoria e paciência vamos superar a Covid-19.

Sinopse

Em plena pandemia, Samantha não sabe mais o que fazer para controlar a ansiedade do confinamento. Desempregada e entediada, não tem sequer um vizinho com quem contar. Mas as coisas irão mudar.

Marcelo está de volta em seu apartamento e prestes a alterar a forma da sua vizinha encarar a quarentena.

Os dias de tédio passam a ser deliciosos momentos para conhecer e se apaixonar, mesmo com todas as estatísticas a seu desfavor.

Cartorze dias. É o prazo seguro para que Sam e Marcelo possam, finalmente, sentir o toque um do outro.

É paixão ou a carência imposta pelo momento? Descubra com Samantha!

Prefácio

Baiana arretada, dona de uma mente cheia de ideias criativas.

J. M. Dantas estreou no Wattpad e trouxe para a Amazon um romance de estreia digno de ser adaptado para um belo filme romântico. Estrela Imperfeita trata do choque entre almas diferentes, mas muito iguais em desejos e sentimentos.

E, agora, traz uma noveleta atual, que lida com uma recente realidade: a Covid-19. Uma pandemia que nos pegou de surpresa, assim como pegou o casal apaixonante da trama.

Pareceu-me difícil imaginar um romance sem contato, sem o calor do toque, mas J. M. Dantas soube equilibrar com maestria essa distância calculada, fazendo-nos conhecer a protagonista e suas dúvidas, tão comuns em um momento onde carência e paixão se confundem.

Boa leitura!

Dani Mart

J. M. DANTAS

PAIXÃO
de Quarentena



♥ ANTOLOGIA
APAIXONADOS



Paixão de Quarentena

Mais uma manhã linda e ensolarada. Uma pena ser desperdiçada dentro de um apartamento.

Desde o dia em que foi decretado o distanciamento social por causa do COVID-19, o vírus misterioso que vinha assolando o mundo, a vida de todos mudou. Minha rotina se resumia a maratona de séries, leitura de romances e passeios à cozinha para assaltar a geladeira. Não saía, temendo a pandemia. Estoquei comida para uns três meses e fazia a compra do que faltava pela internet. Meu contrato de trabalho havia sido suspenso, o que me tornava oficialmente uma desempregada presa em seu apartamento e sem algo útil para fazer.

Olhei ao redor desesperada, à procura até de serviço doméstico, mas o apartamento brilhava de ponta a ponta, quarto, sala, cozinha e banheiro. Já havia arrumado o guarda-roupa umas duas vezes, faxinei do chão ao teto. Tudo se encontrava em seu devido lugar. Inclusive, as roupas, já lavadas e dobradas.

Sempre fui assim, inquieta. Minha mãe dizia que habitava em mim o bicho da inquietação e que eu não sabia ficar parada. O problema era que se permanecesse mais um dia sem o que fazer para me movimentar, enlouqueceria. Ficar sozinha num apartamento no décimo sexto andar não era fácil. Ainda mais quando o imóvel vizinho estava fechado, sendo os nossos, os únicos apartamentos do lado esquerdo. Sentia-me isolada ao extremo.

Enquanto tomava café da manhã e divagava em pensamentos ansiosos, ouvi barulhos esquisitos. Achei que era o pessoal do andar de cima arrastando

móveis. Eles tinham hábitos terríveis e nada sociais. Minutos depois, os sons ficaram mais altos e eu constatei de que vinham deste andar mesmo.

Caminhei na ponta dos pés até a entrada. Girei a maçaneta sem fazer barulho e abri a porta pesada de madeira. Coloquei meio corpo para fora, tentando bisbilhotar o que se passava nos corredores. Para minha surpresa, caixas pequenas se amontoavam na porta ao lado.

O que está acontecendo? Tem alguém se mudando? Estranhei, pois a regra do edifício era clara. Mudanças tinham hora para acontecer e devem ser comunicadas aos moradores com antecedência, por causa do incômodo. E ainda não era nem oito da manhã!

A porta do apartamento vizinho estava aberta. Dava para ver que o espaço já possuía móveis. Quem viesse para cá não precisaria trazer muita coisa. Talvez, fosse o motivo de seu Carlos, o porteiro do prédio, não ter interfonado para avisar. Não seria uma mudança barulhenta, com caixas sendo arrastadas e falatório no corredor. Aquele apartamento estava desocupado há quase dois anos. Eu mesma morava aqui há oito meses e nunca vi alguém entrar ou sair. Seu Carlos uma vez me disse que o dono era um escritor que viajou para o interior em busca de inspiração. Achei aquilo bem excêntrico, por isso, deduzi se tratar de um homem mais velho, até mesmo um senhor de idade.

A curiosidade falou mais alto. Resolvi me aproximar da entrada e dar uma olhadinha ou, até mesmo, descobrir quem era o misterioso vizinho. Não me importei com o pijama de desenho animado e as pantufas de unicórnio, minha roupa oficial de ficar em casa, afinal seria apenas uma espiadinha.

Esgueirei-me até a porta aberta, contudo, não notei as caixas menores à minha frente, colocadas em cima do tapete de boas-vindas e tropecei nelas, caindo de quatro no início da sala do desconhecido. O baque foi tão alto que lhe chamou a atenção. Ouvi seus passos pelos tacos de madeira, vindo em minha direção.

Que merda, Sam! Por que você não voltou para casa?

A minha vergonha era tanta que eu só conseguia olhar para o chão.

— Moça, você está bem?

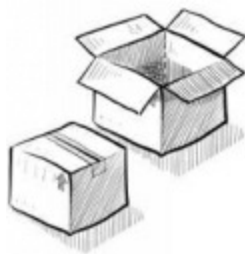
A voz rouca e sensual me fez levantar a cabeça e encarar seu dono. Para minha total surpresa e aumento da humilhação, o homem à minha frente era lindo, com direito a todas as letras da palavra. Um verdadeiro escândalo da beleza humana. Estava sem camisa e tinha tatuagens pelos braços, tantas que não consegui contar. Congelei em seu olhar inquisidor, com uma sobrancelha levemente levantada. Não fui capaz de pensar numa desculpa que explicasse o que eu fazia ali, caída de quatro na sua porta com um pijama digno de jardim digno de infância.

Levantei-me em um pulo. No processo, meu pé enganchou entre duas caixas e a pantufa ficou presa, deixando-me com um pé descalço. O vizinho desceu o olhar para a cena, depois para minha roupa e sorriu divertido. Meu cérebro entrou em curto-circuito. Nunca vi um sorriso mais encantador. Dei meia-volta, retornando para o meu apartamento, corada que nem pimentão vermelho. Larguei o cara lindo sem satisfação e uma das pantufas em meio a sua mudança. Se vergonha fosse um ser vivo, ele teria se materializado naquele momento e me estapeado. Onde eu estava com a cabeça para agir feito uma boba?

A resposta veio em forma de um certo alguém com mais de 1,80 metros de pura testosterona, cabelos castanhos, olhos azuis e corpo de músculos trabalhados. Aquele não era *‘ok, ele é bonitinho’* e, sim, um *‘Senhor, me dei bem na fila do pão’*.

Meu lado racional decidiu aparecer e me tirar do entorpecimento causado pelo vizinho recém-chegado. Saí do perímetro limpo do apartamento com minhas pantufas preferidas, caí de joelhos e ainda coloquei as mãos no chão. Meu lado paranóico entrou em alerta.

Minhas roupas iriam para a máquina de lavar e eu precisava de um banho urgente!



Tentei encarar o incidente de mais cedo como um devaneio em minha vida. Seria mais fácil pensar que sonhei com o vizinho gostosão, já que, necessariamente, não precisaríamos nos encarar por um bom tempo. Eu seguia à risca a recomendação de ficar em casa, então, era só manter o plano e tudo ficaria bem.

Busquei refúgio na cozinha. Preparei um delicioso espaguete à bolonhesa para o almoço. Servi uma taça de vinho *Carménère* para acompanhar. Minha família era descendente de italianos, daquelas bem tradicionais, mesmo. Meus avós tiveram até vinícola no interior da Itália. Eu era a caçula de um total de seis irmãos, a '*rapa do tacho*', como diziam. Fui criada ouvindo que uns goles de vinho por dia fazem bem para o coração. Por isso, sempre apreciei uma boa taça da bebida. Ou duas. Três, caso fosse uma comemoração.

Nas últimas garfadas, já sentindo a letargia da saciedade alimentar combinada ao álcool em minha corrente sanguínea, ouvi o toque da campainha. Demorei a entender que, de fato, alguém chamava. Não esperava ninguém e seu Carlos não me avisou sobre visitas.

A contragosto, levantei-me da banquetta no balcão para atender a pessoa insistente. Já era a terceira vez que a campainha soava. Antes de abrir a porta, lembrei-me do vizinho sexy.

Seria ele?! Se sim, o que queria? Senti um farfalhar de asas no estômago, diante da possibilidade. Pousei a mão na maçaneta e pelo olho mágico, tentei um vislumbre de quem estivesse do lado de fora. Não havia ninguém. O corredor, até onde eu conseguia ver, estava vazio.

Abri a porta. Um saco equilibrado na maçaneta caiu no chão com o

movimento. Abaixei-me para pegar o invólucro transparente que ainda cheirava a álcool. Dentro dele havia o pé perdido da minha pantufa, com aparência de recém-lavada e um bilhete. Olhei para a porta ao lado, silenciosa como antes, e me indaguei que diabos de mensagem aquele papel poderia conter. Imaginei várias situações, boas e ruins. Mas, no final, a ansiosa em mim resolveu rasgar o saco e simplesmente ler:

“A curiosidade, instinto de complexidade infinita, leva por um lado a escutar às portas e por outro a descobrir a América; – mas estes dois impulsos, tão diferentes em dignidade e resultados, brotam ambos de um fundo intrinsecamente precioso, a actividade do espírito.”

José María Eça de Queiroz.

Reli, atônita, a citação que o vizinho teve a audácia de enviar. Ele afirmou que eu escutava à sua porta? Ah, que conclusão mais ridícula! Tudo bem que examinar seu apartamento não foi a mais digna das atitudes e eu agi movida pela curiosidade, mas precisava mandar uma mensagem dessas?!

Fechei a porta decidida a superar de vez o incidente da manhã, ignorar o bilhete e que eu tinha um vizinho delicioso, porém sarcástico.



Anoite anterior foi bem agitada. Depois de passar a noite lendo no Kindle o e-book *Aposta Mais Ousada*, da autora *Dani Mart*, deitei-me para dormir. Mas pegar no sono foi algo difícil de conseguir com a música alta vindo do apartamento ao lado. Não que ela fosse exagerada a ponto de incomodar. A questão era que, estranhamente, o som não me deixava esquecer de que agora eu tinha companhia. O que se tornou uma ironia, porque antes eu reclamava da solidão na reclusão.

Superar e ignorar se tornou uma tarefa árdua. Nem contar para minhas amigas no nosso grupo de WhatsApp tornou a experiência mais tranquila. Eu acabei com uma enxurrada de mensagens, tendo que responder as perguntas da Rafa, Drica e Pri. A dificuldade em superar, devia-se ao mico sofrido em frente à porta do desconhecido me causar um tremendo desconforto. Isso e mais o fato dele saber que eu vistoriava sua casa. O cara era um gato, um verdadeiro colírio e teve todas as impressões erradas de mim já no primeiro contato. *Que mulher madura veste pijamas de criança e usa pantufas de bichinho ou, ainda, espia casas alheias?* Não que eu estivesse cogitando algo com o escritor lindo e de parar o trânsito, afinal, ele poderia ter namorada. Eu só não queria que ele me achasse uma idiota.

Balancei a cabeça tentando apagar as imagens de ontem. Ignorar o acontecido seria mais difícil do que pensava. Minha rotina diária incluía acordar cedo e fazer exercícios aproveitando o sol matinal na varanda. Coloquei uma *playlist* para tocar na caixinha *bluetooth*. A melodia *Crushing*, de *Julia Jacklin*, iniciou. Comecei com o alongamento de sempre para acordar os músculos adormecidos. Abri a porta de correr da varanda, que bloqueava o vento e a chuva nos dias de clima mais severo, o que não era o caso hoje. Ainda tínhamos sol no outono, uma maravilha.

Recebi os primeiros raios de sol na pele e arrepiei com a sensação do calor a me abraçar. Eu usava um top rosa, short de elástico amarelo e tênis. Muita pele à mostra para absorver vitamina D, como recomendado pelos médicos. Posicionei o jumper no meio da varanda e subi no aparelho. O exercício de baixo impacto fazia bem para queimar algumas calorias. Corri sem sair do lugar por alguns minutos, mudando para agachamento e pulos logo em seguida. Quando ficava sem fôlego, parava, puxava respirações profundas para desacelerar o coração, bebia água e voltava para o jumper. Passei para o degrau, um bloco de espuma que simulava o obstáculo para exercícios aeróbicos. Já possuía a sequência na memória, então aproveitei a música e segui o embalo. Exercitei-me sem parar. Ao terminar uma das últimas sequências de subida e descida alternando as pernas, percebi que tinha plateia.

Para minha surpresa, quando me virei e mirei, o novo vizinho estava encostado no canto mais afastado da sua varanda com uma caneca na mão a

me observar. Ele me encarava, imóvel. Assim fiquei também, presa ao seu olhar.

— Bom dia, vizinha. Não consegui dormir por causa do barulho. Vim ver o motivo de tanto barulho logo cedo, mas, por favor, continue. Não pare por minha causa. — Ele apontou sua caneca para o bloco no chão.

Eu não ia rebater, mas meu cérebro foi mais rápido e processou as palavras dita no cumprimento, não perdendo a oportunidade de rebater o que ele julgou ser uma ironia.

— Dia, vizinho. Engraçado você me chamar de curiosa ontem, se não foi esse o mesmo motivo que o trouxe aqui agora. — Cruzo os braços em frente ao corpo. *Touchê!*

Seu rosto demonstrou confusão.

— Ora, sentiu-se ofendida pela citação no bilhete?

— Claro que sim. Fui chamada de desrespeitosa ali.

Ele se aproximou da mureta divisória entre nossas varandas e se debruçou. Dei alguns passos para trás, mantendo uma distância segura. Novamente, tinha uma das sobrelanceiras erguidas, inquisidor.

— E quem disse que a curiosidade de escutar atrás da porta é um instinto ruim, Samantha?

— Você, quando se referiu a dignidades diferentes nas ações com intuitos diferentes.

— Discordo. A referência é clara e não aponta, necessariamente, para uma característica boa e a outra ruim. Deveria ler novamente o bilhete que lhe enviei.

Dessa vez, a razão dominou o meu juízo e pediu que eu não respondesse. Dei as costas e o ignorei.

A malhação tinha acabado definitivamente. No instante em que me curvei

para pegar a espuma em forma de degrau do chão e tirá-la do caminho, ouvi um assovio baixo e me toquei de que me expus de maneira devassa.

— Você olhou para minha bunda!? – A pergunta pareceu acusadora e a minha voz saiu um pouco estridente diante do embaraço.

— Em minha defesa foi você quem virou de costas e se abaixou na minha frente, Samantha. E eu nem disse nada.

— Inacreditável! – Fuzilei-o com o olhar e revirei os olhos. De repente, me toquei de algo. Ele me chamou pelo nome. – Ei! como sabe o meu nome?

— Tenho meus meios para descobrir as coisas. Sou um escritor. Costumo fazer muitas pesquisas para as histórias e, digamos que fiquei craque, quase um detetive.

— Ah, tá. Não me diga que a sua fonte foi o porteiro? – Não imaginei outra pessoa nesse prédio, já que ninguém me conhecia. Seu Carlos falastrão.

Meu vizinho não respondeu o questionamento. Limitou-se a tomar longos goles da bebida em sua caneca. Acompanhei o movimento do seu pomo de adão, descendo em seguida para suas tatuagens expostas. Ele estava mais uma vez sem camisa e a visão era um espetáculo para quem quisesse ver. Seu braço direito era tomado por uma tatuagem tribal formada por desenhos que remetiam às culturas antigas e ia do peito, com desenhos circulares cobrindo tudo, até o meio do seu antebraço. O braço esquerdo possuía desenhos diversos: um emaranhado de flores e folhas, uma índia americana, um apanhador de sonhos e a face de um jaguar, já quase no dorso da sua mão, além de outras ilustrações menores.

Meu vizinho percebeu que eu o examinava, mas não disse nada. Eu não conseguia falar, mas também não conseguia parar de encarar todas aquelas obras em seu corpo, até ele me tirar do devaneio.

— Sabe? Você me deu uma boa ideia, vizinha. Mais tarde, num horário decente, porque ainda não são nem oito horas da manhã, farei musculação aqui na varanda.

— Mas qual o problema desse horário? Acordar cedo faz bem! Alonga o dia e o torna mais produtivo.

— É que eu sou um ser noturno. Prefiro a calmaria da madrugada para trabalhar.

— Como consegue escrever com aquele som alto?

— Não consigo. Na verdade, estou no processo de revisão da história. A música é só uma companhia mesmo. – Ele fez uma pausa. – Desculpe se eu te incomodei.

— Enquanto você não colocar rock pesado ou punk rock, eu acho que dá para suportar. – Argumento, tentando não parecer uma chata, afinal, as músicas que ele escutou durante a noite não eram tão ruins assim.

— Certo. Sem a playlist de rock pesado na madrugada. – Ele levantou a mão direita em juramento. – Aliás, meu nome é Marcelo, prazer.

— Muito prazer, Samantha, mas você já sabe. – Levantei a mão em um pequeno aceno. O contato físico não era mais uma opção, apesar da centelha de vontade de estender a mão para um cumprimento.

Ele sorriu e baixou a cabeça. Desviou o olhar para o meu tênis, perdido em pensamentos que eu nunca saberia. Depois, voltou a me encarar todo enigmático.

— Bem, senhora Samantha, foi bom conversar com você.

— É senhorita, tá? Mas dispense as formalidades. Estamos no século XXI, por favor.

— Certo... então bom saber, sem maridos. – Pareceu-me que ele respondia a uma dúvida pessoal.

— Nem namorados. – Apressei-me em dizer e sua expressão divertida cresceu ainda mais.

— Ok... eu te convidaria para um café ou um lanche, mas estamos nessa

loucura de distanciamento e eu acabei de chegar de viagem. Então, ficamos assim.

— Sim. Ficamos, então. – Que merda de resposta foi essa?!

— Então... – Ele repete divertido e caminha de costas em direção à entrada do apartamento.

— Tchau, Marcelo.

— Tchau, Samantha.



Pri: Gente, como assim? Alguma de vocês foi atualizada sobre o assunto do momento?

Drica: ESSA SONSA CONTA E CORRE. VOLTE AQUI DONA SAMANTHA BIANCHI!

Rafa: Ela nos deixou no vácuo. Uma hora dessas já está rolando nos lençóis com o novo vizinho.

Essas foram as três últimas mensagens das meninas, de um total de 252 no nosso grupo denominado *‘Irmandade das Margaritas’*. Um nome bobo, mas cheio de significado. Referia-se a bebida que provocou nosso primeiro porre no ensino médio.

Conheci a Rafaela na infância. Nossas famílias eram vizinhas de rua. Estudávamos na mesma escola desde o jardim de infância. As primas, Adriana e Priscila, vieram para nossa escola no nono ano. Tínhamos 14 anos,

com exceção de Priscila, com 15 e repetente naquele ano. A partir de uma confusão na aula de educação física, tornamo-nos inseparáveis.

Eu: Bom dia, meninas! Não posso mais ter um momento de privacidade?

Achei graça, pois as respostas vieram em segundos.

Drica: NÃO QUANDO VOCÊ NOS DEIXA NO AR. QUEM É O VIZINHO NOVO? ELE É BONITO? SOLTEIRO?

Rafa: Sua safada! Já dormiram juntos?

Pri: Quantos anos ele tem?

Ri sozinha no quarto, deitada na cama. Os *emojis* que as meninas mandavam eram hilários. Nós falávamos demais e exagerávamos nos sentimentos. E esse espírito nos mantinha unidas, ainda que as responsabilidades da vida adulta tivessem nos levado para caminhos diferentes. Priscila era casada e mãe de gêmeos, Adriana uma guerreira que se desdobrava como enfermeira em infinitos plantões e a bióloga Rafaela morava na Nova Zelândia, liderando uma pesquisa de campo para o Greenpeace.

Eu: Ah! Sinto-me num interrogatório.

Drica: BANDIDA! RESPONDE LOGO!

Pri: Poxa, Sam! Você nos deixou curiosas...

A palavra ‘curiosa’ me fez lembrar do bilhete. Não contei para as garotas sobre as circunstâncias do primeiro contato com Marcelo. Elas não sabiam do vexame que fora esse momento.

Eu: O mais importante vocês não me perguntaram: se estou a fim. Eu disse que conheci o novo vizinho, não que eu estivesse interessada nele.

Rafa: Putz! Se fosse o contrário, você não teria contado aqui no

grupo. Confessa, vai!

Eu: Gente, sério. Não rolou nada.
E tudo o que eu sei se resume ao nome, Marcelo, que ele é um gato e também escritor.

Rafa: Sério?

Pri: Não podia ser outra coisa? Um economista, por exemplo?

Drica: O QUÊ MAIS, SAM?

Adriana tinha mania de escrever tudo com letras maiúsculas. Achávamos que a cafeína diária que ela ingeria não lhe fazia bem. Deixava-a elétrica até na comunicação escrita.

Eu: E é só isso.

Drica: MENTIRA!

Rafa: Como assim?

Pri: Talvez ele seja comprometido, por isso não deu muita abertura.

Eu: Não sei muita coisa, ainda. Ele acabou de chegar de viagem, então cumpre distanciamento social. Além de um incidente infeliz, só houve contato por bilhete e uma troca de palavras, cada um em sua varanda.

As três escreviam ao mesmo tempo. Apostava que cada uma tinha um conselho para dar, mas com exceção da Pri, muito bem casada, Rafa e Drica não tinham bons históricos de romances.

Mas, antes que as mensagens chegassem, fui retirada da imersão virtual. A melodia de *Radioactive*, do *Imagine Dragons*, quebrou o silêncio do ambiente. E eu sabia exatamente de onde vinha. Depois do contato na varanda, Marcelo não deu mais sinal de vida. Com a possibilidade de vê-lo, mesmo que à distância, corri para a sala. Ao chegar lá, a luz e a movimentação na varanda vizinha chamaram minha atenção. E, quando a

segui, dei de cara com o vizinho malhando sem camisa para quem quisesse ver.

Meu Deus, o que esse cara tem contra camisas?

Minha primeira reação foi de choque e contentamento. Seu corpo suado se contorcia num alongamento que me privilegiou com ângulos perfeitos. Um calor diferente serpenteava em meu ventre e a respiração ficou mais ofegante. Já passava das dezenove horas e meu apartamento estava um breu. Não tinha acendido as luzes para economizar energia e o propósito veio a calhar. Marcelo não conseguia me ver. Já eu, assistia-o de camarote. Inspecionei cada músculo como se ele fosse uma obra de arte. Quem dera pudesse capturar aquele momento para apreciá-lo também depois. De preferência, bem à vontade no conforto da cama.

Meu telefone, esquecido na mão tocou, tirando-me do transe. Merda. Eram as garotas numa vídeo-chamada. Deixei-as falando sozinhas. Recuei da porta da varanda para não ser vista ou ouvida e atendi a ligação. Seus rostos apareceram na tela.

— Que merda, Sam! Sabe que horas são aqui para me deixar falando sozinha? – Rafaela indagou enrolada até a cabeça num cobertor grosso.

— Espero que tenha um bom motivo para essa falta de consideração, amiga. – Priscila atropelou as palavras de Rafaela.

— Quietas! – Falei baixinho, fazendo o gesto de silêncio com o dedo indicador encostado nos lábios. – Vocês não têm ideia do que está acontecendo aqui.

— *Hum!* – Drica murmurou. Esse era o sinal da nossa amiga quando estava ocupada com seus pacientes no plantão. Sabíamos que ela ficaria monossilábica, no entanto, atenta.

— Não surtem, mas meu vizinho gato está malhando na varanda da casa dele, dando-me uma visão privilegiada do seu corpinho.

— *O quê? Já quero, amiga!* - Rafa pulou na frente da câmera para falar.

— *Compartilha aí!* – Até a Pri pediu. Assanhada.

— Não! É perigoso. E se ele me pegar fazendo isso? – Só a ideia me deixava em pânico.

— Só se você for uma idiota e deixar ele te ver. – Rafa rebateu.

— Vai Sam! Por nós. Por favor?

— Hum-rum!

— Ai, gente. Vocês vão me meter numa enrascada.

— Vamos nada! É só camuflar o telefone entre as plantas do seu mini jardim na varanda que ele não vê.

Mesmo relutante com a ideia, esgueirei-me até a porta da varanda e me abaixei no canto onde, do lado de fora, eu mantinha um aparador com vários vasos de plantas de pequeno porte. Analisei as dicas dadas por Rafa. Sabia que se não fizesse aquilo elas não me perdoariam por um bom tempo. Mudei o ângulo da câmera frontal para traseira e a imagem de Marcelo ao longe iluminou na tela. Ele socava o ar e seu corpo brilhava com o suor destacando ainda mais seus músculos.

— *Ai meu Deus! Que gato!* – Rafa foi a primeira a se pronunciar.

— *Hummmmmmm!* – O som de aprovação da Drica saiu um pouco estridente. Perguntei-me como ela conseguia trabalhar e, ainda assim, conjecturar conosco por telefone.

— Tá muito longe, Sam, encosta mais.

— Verdade, Pri. Sam, se você chegar mais perto conseguiremos até analisar as omoplatas proeminentes do bofe. - A sem noção da Rafa concordou com a Pri.

— Sossega, mamãe. Você já tem um colírio em casa. O Fabrício é um gato, com todo respeito.

— Olhar não mata, anda, vai logo!

Encorajada pelo comando da amiga casada e a animação das outras, encostei na porta fechada da varanda. Marcelo estava muito concentrado. Dessa vez ele levantava halteres que pareciam bem pesados. Mordia o lábio inferior ao fazer força e o ato era muito sexy. Fiquei absorta em seus movimentos. As meninas estavam tão hipnotizadas que pareciam em transe.

— Esse vidro atrapalha. Tenta deslizar e abrir a porta. – A Rafa sugeriu.

Assim fiz, porque eu também queria ver mais de perto. Com cautela, empurrei a porta para o lado até ter como encaixar o braço com o celular do lado de fora entre as plantas.

— *Aí sim!* – Ela comemorou a melhora da visão.

— Vou avisando logo, Samantha. Se tu não foder com esse cara, eu mesma irei fazê-lo. Senhor, que espetáculo!

A voz rasgada da Drica quebrou o silêncio contemplativo que pairava entre nós. Não sei dizer se foi a desatenção, o temor do flagrante ou, simplesmente, castigo divino por invadir a privacidade alheia, mas bati o braço no vaso da minha violeta, que caiu no chão e se espatifou. O barulho chamou a atenção de Marcelo que me surpreendeu tentando levantar enquanto ainda apontava o celular em sua direção.

— Samantha? O que faz aí agachada? – Sua cara era um misto de diversão e surpresa.

Ele diminuiu o volume da música. Será que não haveria um momento entre nós onde ele não me encontrasse em posições vulneráveis?

— Ai meu Deus! Ele flagrou a Sam! – Rafaela gritou.

— *Não acredito!* – Priscila se desesperou.

— *Sai daí e negue até a morte!* - Drica, que se manteve calada por algum tempo, fez o infeliz comentário.

— São suas amigas? – Ele aponta para o meu aparelho.

Eu não tinha onde enfiar a cara. A vergonha era tanta dessa vez que eu nem me dei o trabalho de responder, apenas virei a tela em sua direção e mostrei a vídeo-chamada com as garotas.

Marcelo sorriu. Juro que as ouvi suspirarem.

— Olá, meninas! Prazer, meu nome é Marcelo e eu sou o vizinho da Sam. – Ele acena para elas. Cara de pau! – Aposto que se divertiam antes de serem surpreendidas. Fico feliz por ter animado o dia de vocês.

As três o cumprimentaram com risos e acenos. Interrompi a interação, dizendo que falava com elas depois, e desconectei a chamada antes que dissessem algo comprometedor. Ao voltar a encarar Marcelo, quis pular dali mesmo. Seu lindo rosto expressava diversão. Ele segurava tanto o riso que até ficou vermelho.

— Olha, acho que você entendeu errado o acontecido... – *Anda Sam, seja mais convincente.* — Na verdade, foi uma coincidência. Eu conversava com as meninas quando tentei abrir a porta e a planta caiu...

— Sério? E por que te encontrei agachada com esse celular apontado para mim?

— Eu não te filmei. – O que era verdade, já que eu só virei a câmera da vídeo-chamada em sua direção.

— Eu vi você, Samantha. Desde o momento em que apareceu na penumbra, sabia que me vigiava furtivamente.

Naquele momento, tive certeza de que não fugiria de pagar mais um mico. O certo seria confessar a ideia horrível das garotas e minha culpa nisso. Foi o que fiz.

— A verdade é que as meninas ficaram curiosas sobre você e eu caí na besteira de ouvi-las. Perdoe-me por fazer algo tão ridículo, como invadir a sua privacidade. Estou morta de vergonha.

Coloquei as mãos no rosto tentando me esconder, mas a verdade é que não havia como fugir da realidade. Eu fiz uma coisa feia, movida por impulso e tinha de encarar as consequências.

Esperei Marcelo bradar comigo, mas nada. Em vez de me repreender, ele caiu na gargalhada. Assustada com a sua reação, levantei a cabeça e o encontrei entre risos. E que risada! Ela era tão máscula e prazerosa que reverberou em mim e me desconcertou.

— Não estou chateado, Samantha. Na verdade, sinto-me lisonjeado. Só que isso foi perigoso. Você já percebeu que tem uma certa propensão para causar acidentes. E se você se machucasse de verdade?

— Tá me chamando de desastrada?

— Na verdade, sim. — Ele repetiu a cena de mais cedo e repousou na divisória da varanda. Os músculos do seu braço saltaram, dando-me mais uma amostra do seu corpo escultural. Por mais que fosse difícil, tentei manter o foco na conversa.

— Ok. Obrigada por se preocupar comigo e com a minha segurança. Ainda assim, isso é constrangedor e eu queria que me desculpasse. É o correto a se fazer.

Ele não respondeu de imediato e isso me deixou apreensiva. O brilho nos olhos de Marcelo me dizia que ele arquitetava algo. Só não sabia se bom ou ruim.

— Vamos fazer assim: aceite meu convite para assistirmos a um filme juntos e estamos quites.

— Mas e o distanciamento?

— Manteremos. Assistiremos cada um em suas respectivas casas. Você tem canal pago?

— Sim, tenho.

— Pronto. Às vinte e uma esteja pronta e faremos conexão simultânea. Dê-me o seu número para que possamos trocar pontos de vista enquanto vemos o filme.

Fiquei aliviada por ele ter levado minha indiscrição na esportiva. Aceitei o convite porque devia uma desculpa e, no fundo, havia gostado da proposta. Assistir ao mesmo filme, cada um em sua casa, seria um bom desfecho para a noite, apesar da curiosidade de saber onde aquilo ia dar. Estava animada com o meu vizinho, mais do que gostaria de confessar.

E assim Marcelo e eu marcamos nosso primeiro encontro em plena quarentena.



Nunca pensei que trocaria tantas vezes de roupa para simplesmente sentar no sofá e assistir a um filme. Já havia me acostumado aos pijamas de desenho animado e pantufas, não me importando tanto com as combinações do guarda-roupas. Só que hoje não se tratava de um dia qualquer e nem um filme sem importância. Teria para a noite a companhia do meu vizinho, Marcelo, mesmo através de uma chamada de telefone.

Para entrar no clima de cinema, fiz pipoca, abri um guaraná e me acomodei no confortável sofá retrátil em frente à TV. Minha casa podia ser pequena, mas era confortável e do jeito que eu sempre sonhei, afinal, trabalhei duro para conquistar independência financeira para sair da casa dos meus pais. Mesmo desempregada como agora, eu costumava dar um jeito e dessa vez não seria diferente.

Olhei para a tela do celular. Faltava poucos minutos para o horário marcado. Marcelo ligaria a qualquer minuto para me indicar o filme escolhido, assim como o combinado. Aproveitei esses minutos para atualizar

as garotas do desenrolar no incidente e, também, do encontro inusitado. Elas ficaram em êxtase e logo encheram o grupo de mensagens, cada uma mais fantasiosa do que a outra. Rafa até apostou que quebraríamos a quarentena ainda hoje. Repreendi minha amiga por imaginar tal coisa, pois ela sabia que a situação era séria. Pelo visto, Marcelo também. Ele foi adorável ao propor a sessão de cinema à distância. Isso mostrava o quanto ele era consciente e se preocupava com os riscos de uma imprudência.

Meu celular tocou pontualmente. Ansiosa, atendi ao primeiro som.

— Oi Sam. Preparada? – Sua voz era ainda mais gostosa ao telefone.

— Oi. Sim senhor. Qual o filme escolhido?

— Pensei em te dar opções, mas tem um filme que eu quero muito assistir, O Resgate, com aquele ator que faz o Thor. O que acha?

— Por mim, tudo bem. – Aprovei a escolha. Seria uma história de ação e eu até curtia esse estilo.

Com o seu sinal, iniciamos simultaneamente nossas telas. Aconcheguei-me só sofá e comecei a assistir.

— Quantos anos você tem? – Ele quebrou o silêncio, perguntando ainda na apresentação do filme. Animei-me com a interação, afinal, era a primeira vez naquele tipo de encontro por telefone e eu não sabia muito sobre as regras.

— Vinte e seis. E você?

— Vinte e oito.

Nossas idades eram perfeitas. Nunca gostei de homens mais novos ou velhos demais. Sorri alto. Ele respirou fundo e o ruído do ato me fez estremecer. Deus, aquilo seria uma tortura. Deliciosa, mas, ainda assim, uma tortura.

Na primeira cena os atores já estavam em ação. Peguei um punhado de pipoca e comi. Tinha feito pipoca de panela com manteiga, animada com a noite.

— Hum! Senti o cheiro aqui do apartamento. Sabia que era você.

— Você me ouviu mastigar?! – Fiquei mortificada e parei de comer na hora.

— Estamos ao telefone, não é?

— Nossa, que mico!

— Não achei. Na verdade, me deu vontade de comer também.

— Você não fez pipoca com um filme desses?

— Não tenho milho.

— Não seja por isso. Vamos dividir essa aqui. – Fui até a cozinha, despejei metade da pipoca em outro recipiente e peguei um guaraná para acompanhar.

Encontrei Marcelo parado na sua varanda à minha espera. Ele estava lindo com os cabelos molhados, uma camisa cinza e uma calça xadrez de pano. Seu visual, bem à vontade, me perturbou. E não era só eu a apreciar a vista.

— Você está diferente sem aquele pijama.

— Isso é bom ou ruim? - Temi ter exagerado na calça *pantacourt* azul e a camisa de manga branca. Achei que seria básica com a combinação.

— Isso quer dizer que você está linda!

Corei diante do elogio. Parecíamos dois adolescentes tímidos, mas as circunstâncias nos levaram a atitudes bobas. Para evitar o contato, agíamos com cautela, o que só aumentava os anseios. Eu estava acostumada a ser bem direta em meus objetivos num relacionamento. Ter que me refrear com Marcelo era exatamente o oposto disso.

— Obrigada. Você também.

Entreguei-lhe a comida e bebida. Demoramo-nos conectados através dos

objetos e dos olhares. As pessoas eram capazes de transmitir mais no olhar do que num livro inteiro. Vi que o dele queria me confessar mais do que eu suportaria ouvir naquela noite. Desviei primeiro.

— Vamos voltar?

Acenei com a cabeça concordando e nós dois voltamos ao mesmo tempo para os apartamentos.

O filme durou quase duas horas. Mantemos os telefones no viva-voz e, vez ou outra, Marcelo comentava uma cena. Eu também dei opiniões sobre o enredo e o elenco. Ele me confessou ser um grande fã da *série Stranger Things* quando *David Harbour* apareceu na TV. Combinamos assisti-la nos próximos dias. Com isso, soube na hora que nosso programa noturno seria prolongado e fiquei animada. Seria muito bom ter companhia, mesmo que naqueles termos.

— O que você faz da vida?

Ele perguntou assim que a tela voltou para o mosaico do canal. Percebi que ele iniciava uma conversa para esticar a noite um pouco mais.

— Sou formada em Marketing e Publicidade, mas meu contrato de trabalho foi suspenso há duas semanas. No momento, estou literalmente desempregada. E você? É escritor apenas nas horas vagas ou assumiu carreira?

— Sou formado em jornalismo, mas segui a profissão de escritor ainda cedo. Também trabalho como revisor e *copy desk*.

Interessante.

— Publicar um livro deve ser um sonho. Acho o máximo quem consegue colocar uma história no papel. É um dom muito especial.

— Sua formação é numa área muito boa, onde a criatividade também é uma ferramenta necessária.

— Sim. Mas não passam de ganchos ou gatilhos. Pode acreditar, é muito

diferente. – Deixei de fora a parte da história onde eu tentei escrever um livro uma vez. Foi só fogo de palha e não consegui passar do quinto capítulo, além da história ser uma droga.

— Existem técnicas para escrevermos, não pense que é só a ideia surgir e colocá-la no papel que tudo flui.

— Sei. Assim como também existem técnicas para trabalharmos um bom marketing.

— Isso.

A conversa enveredou para um caminho diferente do que imaginei. Falei para ele sobre minha família e ele me contou da dele. Disse que seu pai era coronel do exército e sua mãe, dona de casa. Marcelo era filho único, ao contrário de mim. Ele também me contou que o pai não aceitava sua carreira, pois achava que escritores não tinha um futuro certo. Percebi uma certa mágoa com relação ao assunto, e não forcei a barra. Ao invés disso, falamos sobre seus livros e foi aí que tive uma surpresa inesperada. Marcelo era um escritor famoso e suas obras estavam à venda na internet e nas prateleiras das livrarias de todo o país. Ele figurava entre os melhores escritores nacionais contemporâneos de fantasia. Só liguei o nome à figura quando ele citou um de seus livros, *As Sete Provações de Syrion*. Seu nome completo era Marcelo Fróis de Albuquerque, e assinava *M. F. Albuquerque* nas obras.

— Sabia que já li um livro seu?

— Sério? Qual? – A surpresa era evidente em sua voz.

— *Aurora Boreal*.

— Um dos meus primeiros livros?! Nossa, mas esse é um romance bobo!

— Eu curto romance bobo. – A confissão soava dúbia, ou eu quis que assim fosse.

— Aposto que lê também romances históricos e hot. – Dei risada do seu comentário certo.

— Uma das minhas amigas, a Priscila, viciou-nos primeiro nos romances de banca. Desde a adolescência. Contrabandeávamos esse tipo de leitura entre nossas casas.

— Toda leitura é válida. Seja ela qual for. – Ele fez uma pausa ao telefone. - Adorei saber que você gosta de ler.

— E eu adorei a nossa noite. - Fiz uma pausa. Na verdade, queria dizer mais coisas, como quanto queria o beijar, mas hesitei. - Poxa, essa quarentena é uma droga.

— Nem me diga. Seria estranho se eu confessasse que gostei de você e quero muito te beijar?

Ofeguei com a antecipação da minha vontade. Marcelo gemeu baixinho ao me ouvir. Apertei a almofada ao meu lado na tentativa de aprisionar o desejo crescente. O sentimento era pulsante e procurava se arraigar entre nós. Acho que nunca tinha provado algo tão forte. Isso, ou sofríamos de carência devido ao distanciamento social.

— Eu queria muito que isso fosse possível. Meses atrás não estaríamos apenas conversando.

— Sim... – Marcelo ficou em silêncio novamente. Notei ser uma de suas características. Toda vez que o fazia, sua mente processava uma ideia. – Tenho uma proposta para você. Quer ouvir?

— Claro que sim. – Empertiguei no sofá, ansiando ouvi o que ele tinha em mente.

— Meu distanciamento é de quatorze dias. Já se passaram dois. Contemos a partir de amanhã doze dias. Depois disso, nada nos impedirá de curtir o lance entre nós. E aí, você não me escapa Samantha.

— Nossa! Não sei se fico feliz ou se choro.

— Eu disse algo errado? Desculpa, fui um idiota em propor isso. Você pode ter outros planos e eu estar atrapalhando.

— Não é isso. Muito pelo contrário. Você foi perfeito e eu adorei a proposta. É o certo a se fazer. Mas temo não ser tão forte no quesito paciência.

— Eu também não sou um pilar nessa virtude, mas a gente faz isso dar certo.

Marcelo me surpreendia. A cada minuto descobria uma de suas qualidades e ficava encantada com elas.

— Mas e até lá, o que vamos fazer?

— Não se preocupe, posso pensar em algumas coisas divertidas e atrativas. Garanto-lhe que, se conseguirmos, a recompensa da espera será muito melhor.

Suas palavras soaram como uma doce e sonhada promessa a qual me apeguei. Enquanto ficássemos afastados, não haveria com o que se preocupar. Por enquanto.



Doze dias. Esse tempo parecia uma eternidade. O que nós faríamos com tanto desejo reprimido? Não era algo que podia ser simplesmente ignorado ou guardado na gaveta. Ele estaria sempre presente martelando em nossas cabeças como um diabinho. Que Deus nos ajude.

Marcelo e eu ainda ficamos conversando até a madrugada. Perdi a noção do tempo e acabei dormindo no sofá com a chamada em curso. Acordei

atordoada lá pelas onze da manhã, perdi o horário de malhar e, também, do recolhimento do lixo. Peguei o celular e busquei a ligação. Ele encerrou a chamada com mais de quatro horas de duração e deixou uma mensagem pouco antes das seis. O detalhe da hora não me passou despercebido.

Marcelo: Sua respiração ressonava tão gostosa ao telefone que tive ciúmes do seu travesseiro. Obrigado pela companhia, mesmo que tenha dormido quando eu lhe contava sobre minhas tediosas peripécias no jardim de infância.

Engraçadinho, não conversávamos sobre isso. Eu estava gostando do humor de Marcelo e da afinidade de ideias. Assim como eu, ele tinha uma maneira própria de encarar a vida. Não criava expectativas demasiadas das coisas que não estavam ao seu alcance, nem considerava as adversidades suas inimigas.

Eu: Eu te disse que não estava mais acostumada a dormir tarde. De qualquer forma, a culpa é sua por não ter me prendido com a sua história. Bom dia!

Sabia que ele não visualizaria a mensagem de imediato. Àquela hora, Marcelo ainda dormia. Busquei as outras mensagens. Havia uma sequência de conversas da minha família, do grupo do antigo trabalho e das garotas.

Respondi minha mãe e meus irmãos que só queriam saber de notícias. Tranquilei todo mundo, afirmando que eu seguia bem e feliz, apesar da saudade. O pessoal do trabalho queria furar a quarentena e marcar um *happy hour* na casa de alguém. Nem respondi. Meus colegas eram todos jovens e, a maioria, inconsequente. Não levavam a sério as orientações e nem acreditavam que poderiam adoecer. Ledo engano.

Deixei minhas amigas por último. Nosso grupo tinha mais mensagens hoje do que no dia em que Pri foi pedida em casamento. Enviei apenas uma frase para encurtar a história.

Eu: Ele disse que queria me beijar.

Pri: Oi?

DRICA: A RAFA DISSE QUE SÓ ACORDASSE ELA SE VOCÊS DOIS TIVESSEM TRANSADO.

Era madrugada na Nova Zelândia, por isso Rafa estava ausente na conversa.

Eu: Então nem se dê ao trabalho.

Pri: Sim e você não partiu para cima por quê?

Eu: Nós somos adultos e racionais. Não podemos simplesmente ignorar os problemas ao redor.

Drica: TÔ CHOCADA COM SEU AUTOCONTROLE, AMIGA... SINCERAMENTE, EU NÃO CONSEGUIRIA.

Pri: Eu nem sei o que dizer.

Eu: Não pensem que foi fácil. Minha vontade era exatamente de extravasar.

Drica: E AGORA? O QUE VOCÊS VÃO FAZER?

Eu: Ele pediu para esperarmos o fim do seu período de distanciamento. Eu aceitei.

Drica: PQP!!!!

Pri: Tem certeza de que isso vai dar certo, amiga?

Eu: Espero que sim...

Desliguei a tela do celular. Saber exatamente se o nosso plano daria certo eu não sabia, mas já tínhamos nos comprometido a tentar. E isso no momento bastava. Isso e mais uma boa xícara de café.



Três dias se passaram, sexto dia do distanciamento.

De cara não senti falta da antiga rotina. Procurei adaptar as atividades do dia-a-dia com o horário em que passei a acordar, geralmente perto do meio-dia. Marcelo revisava suas histórias após o nosso novo programa preferido: as maratonas noturnas de *Stranger Things*. Por isso dormia até mais tarde, por volta das dezesseis.

Estávamos tão maravilhados com os encontros telefônicos, as conversas reveladoras e a série que escolhemos assistir que conseguimos aplacar os anseios com o mundinho que criamos. Combinamos até evitarmos os esbarrões na varanda ou na porta do apartamento para que o foco não fosse desviado.

Marcelo seguia sem sintomas de doença alguma, o que era maravilhoso. Mesmo assim, continuamos com o plano do distanciamento como precaução e prova do quão levávamos a sério as orientações. Não era hora de baixar a guarda, mesmo que fosse tentador.

No sétimo dia, levantei-me cedo para colocar o lixo para fora. Não aguentava mais ter um saco cheio de restos de comida ao lado da máquina de lavar no cubículo da área de serviço. Mesmo com sono e ainda pensando em voltar para cama, coloquei uma máscara descartável e arrastei o saco de lixo até o elevador de serviço. Despachá-lo até o térreo foi a forma que encontramos de não circularmos pelo prédio. Isso evitava contato com os demais moradores e ainda ajudava seu Carlos no seu serviço de recolhimento do material reciclável.

O elevador de serviço ficava junto da porta que dava acesso às escadas de emergência. Ainda no corredor, ouvi o barulho da abertura de uma porta. Com o eco do lugar não consegui precisar a direção do som e como ainda

vestia pijama, apressei-me com o serviço. Descartei o lixo no elevador e apertei o botão para que ele descesse.

Ao me virar para ir embora, tomei um susto. Marcelo estava ali parado, a poucos metros de distância. Meu coração saltou com a surpresa repentina e meu corpo todo esquentou diante da sua presença.

— Oi. O que faz aqui? – A pergunta soou boba, ainda mais com a minha cara que combinava um misto de alegria e hesitação.

— O mesmo que você. – Ele levantou as caixas de mudança que segurava até que elas entrassem no meu campo de visão. Fiquei tão absorta com a sua presença que não as notei em sua mão.

— Que coincidência.

— Mesmo. Uma inesperada e boa coincidência.

Diferente de quando estávamos ao telefone, pessoalmente, não soube o que falar. Ponderei todos os assuntos que vieram em mente e no fim optei pelo silêncio. Marcelo parecia enfrentar o mesmo dilema, pois nada disse.

A eletricidade carregou o ar. Meu subconsciente gritou para que me aproximasse e o beijasse logo, acabando com o impasse. Ele antecipou o movimento e se inclinou em minha direção. Fiquei ali, parada, sem nem respirar, cheia de expectativas. Marcelo me encarou profundamente. Seus olhos sedutores me limitaram a uma prisioneira dos seus encantos. Achei que não controlaria minhas próprias pernas e fosse ceder ali.

Foi então que eu ouvi o som da chamada do elevador e me dei conta do seu verdadeiro propósito. Ele se inclinou apenas para alcançar o botão, porque eu bloqueei o caminho.

Só podia ser brincadeira. Senti-me frustrada e ansiosa, pois achei que Marcelo fosse me tocar. Ainda bem que algum de nós teve juízo ali.

— Estou de saída. Quero deitar um pouco mais. – *Também fugir antes que cometesse uma besteira.*

— E eu ainda vou dormir. Fiquei até agora revisando o meu livro.

— Nossa! Que loucura! – Me perguntava como ele aguentava isso.

— Pois é. A boa notícia é que já estou acabando. Logo ele segue para a editora.

— Puxa! Que bom, Marcelo.

O elevador de serviço parou novamente no nosso andar. Foi a deixa que eu precisava para me retirar antes que ficássemos cara a cara novamente. Dei as costas e segui o corredor de volta para o apartamento.

— Samantha, espera!

O chamado de Marcelo ecoou pelas paredes. Virei em sua direção e me derreti com a cena. Ele estava em pé na minha frente, parado e com as duas mãos no bolso da calça de flanela. Mais uma da sua coleção, como ele mesmo me contou. Adorava uma calça folgada. E mais uma vez sem camisa, para o meu desespero. Ele ficava muito sexy com aquele tipo de roupa pendendo perigosamente na sua cintura.

— Escuta, é melhor eu ir... – Dei uns passos para trás e me preparei para ir de vez.

— Vamos jantar juntos hoje? – A proposta foi lançada de forma casual.

— Como assim?

— Não juntos na mesma casa, mas como a gente vem fazendo. Cada um na sua varanda, que tal? Ainda teremos o distanciamento de qualquer maneira.

Mesmo não sabendo se aquela seria uma boa ideia, quis aceitar. Que mal faria um encontro diferente do que tínhamos, se ainda estariam sob as mesmas regras?

— Certo. Eu faço a comida.

— E eu levo o vinho.

Com o seu aviso, saí e o deixei ali, encarando minha partida para casa cheia de expectativas para aquela noite.



Por mais que eu tentasse pensar naquele jantar como um evento comum, não conseguia controlar a ansiedade que me roubava o ar ao imaginar qualquer situação onde Marcelo e eu tivéssemos algum tipo de contato. Nós evitamos a aproximação por quatro dias e tudo corria como o esperado, até nos encontrarmos nessa manhã. Minha mente só pensava em como ele me atraía e na bendita eletricidade estática no ar toda vez que nós estávamos no mesmo espaço.

Marcelo me conquistava aos poucos com as qualidades que eu ia descobrindo devagar. Além de lindo e inteligente, ele também era divertido e atencioso. Todas as noites conversávamos até eu dormir com o telefone no viva-voz. Isso se tornou um hábito para ele e para mim. Estava me acostumando à sua companhia. Ele preenchia o vazio do meu dia com comentários sobre diversos assuntos e histórias da sua vida.

“— Você é louca! Quem come só as jujubas vermelhas do pacote Samantha?”

— Ora, todo mundo que só gosta do sabor morango. E olha quem fala! Sorvete de milho é nojento, argh!

— Você já provou?

— *Claro que não, Marcelo! Deve ter gosto de mingau de bebê.*

— *Um dia, quando essa quarentena acabar, vou te levar para tomar o melhor sorvete que já experimentou na vida. Aposto que mudará de opinião...”*

A noite esfriou um pouco. Preparei uma lasanha de queijo para o nosso jantar, o que combinava bem com o vinho que compartilharíamos na varanda. Escolhi um vestido preto de manga comprida para me manter aquecida e, um pouco decotado, para parecer sexy sem ser vulgar. Eu não era muito alta e meu corpo cheio de curvas, herança da família de papai, se destacava naquela roupa. A dúvida era se prendia ou soltava o cabelo. Minhas longas madeixas castanhas davam um pouco de trabalho, mas optei por deixá-las soltas ao vento. A maquiagem se resumiu ao rímel e gloss labial para não parecer emperiquitada demais. No final, calcei sapatilha para me sentir confortável, afinal, era só um jantar em casa.

Improvisei uma mesa do lado de fora com uma mesinha dobrável de madeira e coloquei uma das poltronas da sala para me sentar. Marcelo chegou logo depois. Seu perfume invadiu o espaço, fazendo-me consciente da sua presença sem que eu nem precisasse vê-lo. Apreciei o cheiro de madeira e âmbar. Isso fez eu me imaginar farejando seu pescoço em busca de embriaguez sensorial. No mesmo instante em que tais pensamentos invadiram minha mente, pedi aos céus força para manter o juízo onde ele deveria ficar: bem junto da razão.

— Boa noite, Samantha. – A voz deliciosa me alcançou no exato momento em que eu suplicava a ajuda divina. Virei-me para cumprimentá-lo tentando focar na distância. Marcelo arregalou os olhos quando me viu e encarou abertamente o decote. – Nossa, como você está linda!

Sorri diante do elogio. Ponto para mim. Toda mulher gosta de receber aprovação no *look* escolhido.

— Boa noite, Marcelo. Obrigada por reparar.

— Como não repararia? Preciso corrigir o que disse. Você é linda de qualquer jeito, Sam.

Foi a primeira vez que ele me chamou pelo apelido carinhoso que a minha família costumava usar. A eletricidade mais uma vez estava presente, conectando nossos corpos por mais que, fisicamente, estivéssemos distantes. Mudei o foco para sua roupa atordoada pelo momento. Marcelo também estava um gato. Vestia uma camisa branca de manga e calça jeans. Não consegui ver o que calçava, mas apostava que usava tênis.

— Você também está muito bonito. — Tentei desviar a atenção de mim.

— Obrigado. Posso lhe servir?

Ele me mostrou a taça de vinho que segurava. Fiz sinal de positivo e peguei a minha em cima da mesinha e ofereci para ele encher.

— Vamos brindar?

— Claro. Faça as honras.

— Aos momentos felizes como esse em tempos difíceis. — Ergui a taça no ar.

— Ao destino, que me fez voltar para casa e te encontrar. — Ele fez o mesmo com a sua.

Bebemos do vinho. A escolha dele foi por um Cabernet Sauvignon e eu apreciei muito. Já tinha contado para Marcelo sobre a descendência da minha família e meu gosto por vinhos. Ele também gostava muito da bebida, apesar de ter confessado beber mais cerveja com os amigos.

— Acabei de colocar nosso jantar no forno. Logo estará pronto. — Sentei-me na poltrona e ele encostou do seu lado da varanda. Isso se tornou uma dinâmica entre nós.

— Quer se livrar tão rápido assim de mim?

— Claro que não. É que eu pensei que fôssemos voltar para dentro, continuar a série e conversarmos pelo telefone, como sempre fazemos.

— Hoje não. Eu queria testar algo diferente essa noite. Ver você hoje em minha frente de manhã foi incrível. Confesso que tive que me controlar para não te tocar, porque a vontade de sentir sua pele sob meus dedos é enorme.

Empertiguei no lugar e segurei a taça com ambas às mãos. Por mais que sua confissão fosse maravilhosa, mostrando que Marcelo não estava imune aos sentimentos, também me mostrou a ironia da situação. Sofri do mesmo dilema quando nos encontramos no corredor. Isso quer dizer que a situação poderia terminar de outra forma. Se qualquer um tivesse cedido, o outro também sucumbiria.

— Eu sei que o encontro não foi proposital, mas você sabe que passamos por uma provação de fogo. E, se continuarmos nos encontrando, cederemos. E aí teremos que aguentar as consequências das nossas ações.

— Eu não quero que você ceda, Sam. O que eu proponho é um pouco mais de contato visual, e só. Tenho consciência de que não posso chegar à sua vida e simplesmente te expor. Mas eu preciso apreciar você, como estamos fazendo aqui e agora. Por favor, não me negue esse privilégio.

Não respondi. Em vez disso, bebi uns bons goles do meu vinho sob seu olhar analítico. Eu tinha consciência de que, a cada minuto, transformava-me em uma bomba relógio de luxúria prestes a explodir. Marcelo percebeu a minha apreensão e encheu minha taça novamente. Depois me concedeu espaço. Colocou *It's Time*, do *Imagine Dragons*, para tocar, pois sabia que eu gostaria da escolha. A música não tinha uma letra muito romântica, mas eu a apreciava, assim como a sua melodia.

Ele soube respeitar o meu momento e se recolheu em pensamentos. Encarei-o de costas. Não conseguia evitar o contato visual. Ele era como a luz, e eu, um besouro atraído por seu brilho. Se não admitisse logo o que realmente sentia, sofreria na ignorância do achismo.

Mas o que eu sentia? Temi que as minhas emoções estivessem seriamente afetadas pelo isolamento social. Eu permanecia em casa há quase um mês, sofria com a ansiedade e reclamava da solidão. Então, Marcelo apareceu. Passou a completar meus dias e torná-los menos difíceis. E era aí que morava o perigo. Eu podia muito bem confundir paixão com amizade ou até gratidão

e, assim, cometer um erro terrível.

A falta de contato com o mundo exterior nos aproximava do que estava ao nosso alcance. E Marcelo era quem estava mais perto. O que aconteceria se estivéssemos alimentando um falso sentimento ou um romance que começava de forma errada?

O alarme do fogão soou avisando que o jantar estava pronto. Busquei os pratos logo, pois a recomendação era para comermos ainda quente.

— Lasanha de queijo. Espero que goste.

— Nossa o cheiro é maravilhoso! – Ele comentou ao me ver chegar com a comida.

Jantamos cada um em seu espaço. Propositamente, Marcelo regozijava a cada garfada, comentando o quanto a comida estava deliciosa. Ele comia com seu prato apoiado na divisória das varandas. Sem saber, seus gemidos atiçavam algo em meu ventre. O que era para ser uma brincadeira se tornou uma ação muito sedutora. Desconcertada, cruzei as pernas tentando aplacar a excitação, o que se mostrou em vão.

Ele, então, flagrou meu movimento. Ao entender o que eu fazia, seus olhos saltaram de uma expressão divertida para luxuriosa em segundos e ele parou de gemer.

— Quer mais um pedaço? – Ofereci morta de vergonha e sem ter o que dizer.

Bebi mais taças de vinho do que estava acostumada. Senti o sangue esquentar e correr pelas minhas veias, além de uma euforia desproporcional. Não sei se conseguiria caminhar em linha reta até a cozinha, nem equilibrar um prato nas mãos.

— Não, obrigado. Estou satisfeito. – Ele encheu sua taça. Porém, dessa vez não me ofereceu.

Toquei o colo dos meus seios, sentindo a pele formigar e, apesar do frio, o

suor molhava a minha nuca. A sensação do contato dos meus dedos no lugar sensível fez o meu corpo arrepiar. Os bicos dos seios intumesceram. Fechei os olhos, apreciando a sensação gostosa e imaginei as mãos de Marcelo no lugar das minhas. Subi mais um pouco, até chegar aí pescoço e apertei ali. Quem dera fosse a pegada forte dele a me segurar para um beijo...

— Quando eu disse contato visual, não me referia a esse tipo. Com isso eu não posso. — A voz grossa e perturbada de Marcelo me trouxe à realidade. Levantei-me da poltrona e o mundo girou. Apoiei-me na sacada. — Opa, devagar, Samantha. Quer ajuda?

— Não, estou bem. Eu preciso só me deitar.

— Acho que você bebeu vinho demais.

— Ou foi a sua presença que me instigou além da conta.

— Está me culpando pela bebedeira?

— Não. Só dizendo que eu não suporto mais não poder te tocar. — Acabei confessando.

— Se te serve de consolo, isso é uma tortura para mim também. Passei metade da noite excitado e sua reação, mesmo involuntária, não ajudou.

— Então, por que fazemos isso?

— A verdade é que eu não conseguiria não fazer. Estou apaixonado por você, Sam.

A frase foi limpa e direta. Compreensível para qualquer um. Eu deveria ficar feliz com a sua declaração, mas a realidade é que a minha confusão sentimental ofuscou o momento. E se ele sofresse da mesma dúvida que eu? Se seu julgamento também estivesse afetado pela quarentena?

— Não confesse algo de que não tem certeza, Marcelo.

— E por que eu não teria?

— Tudo isso que vivemos é muito louco e pode confundir nossas emoções. Por exemplo, o que você acha que é paixão pode ser só amizade afetada pela proximidade dos últimos dias.

Marcelo ergueu uma das sobrancelhas e fez menção de saltar da sua varanda para a minha. Dei um passo para trás, receosa de que fizesse exatamente isso. Ele também tinha bebido muito e eu não duvidava de que fosse capaz.

— Ah Sam, se não fosse por me importar tanto com a sua saúde, eu mostraria a amizade que você acha que sinto. Começando por essa sua boca, a qual eu passei a noite toda desejando. Depois, dando o alívio que eu sei que procurou quando apertava essas lindas coxas. Então deixaria sob seu julgamento meus sentimentos, sabichona.

Sua ameaça soou como uma promessa e eu desejei que fosse cumprida. Imaginei-o quebrando a distância e me tomando em um beijo furioso. Suas mãos descendo pelas minhas costas, rompendo o limite do vestido para apalpar a minha bunda e me trazer para junto de si.

Juntei o último fio de juízo que me restava e balancei a cabeça, mandando esses pensamentos para longe.

— Marcelo, vamos parar por aqui. Nós não estamos em condições discutir esses assuntos.

— Com isso posso concordar. Bebemos demais e é melhor deixar a conversa para amanhã.

Essa afirmação encerrou a nossa noite desastrosa.



Rafa: Eu sabia que essa história acabaria mal, amiga.

Pri: Mas não acabou ainda, Rafa. Eles só brigaram.

Drica: NÃO ME CONFORMO QUE VOCÊS AINDA NÃO TRANSARAM.

Rafa: Acorda, Drica! Esses dois nunca se tocaram! Isso é surreal.

Pri: Eu achei muito fofo da parte dele. Mostra o quanto ele é especial e merece nossa amiga.

Eu: Tudo o que eu mais queria é ter conhecido o Marcelo antes
dessa loucura de pandemia.

Drica: BRINCADEIRAS A PARTE, A PRI TEM RAZÃO. ELE AGIU CERTO, SAM. PENSAR EM VOCÊ FOI MUITO FOFO. NÃO QUERO DEIXAR VOCÊS ALARMADAS, MAS A SITUAÇÃO TEM PIORADO. VAMOS ATENDER PACIENTES COM COVID-19 AQUI NO HOSPITAL A PARTIR DE SEGUNDA.

Rafa: Força, amiga!

Pri: Meu Deus!

Eu: Nossa Drica! Como será?

Drica: AINDA NÃO SABEMOS, MAS ELES GARANTIRAM QUE NÃO FALTARÁ O EPI, POR ISSO ESTAMOS MAIS TRANQUILOS. SOMOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE, NOS FORMAMOS PARA ISSO, ENTÃO, ESTOU BASTANTE ANIMADA PARA COMEÇAR A AJUDAR.

Rafa: É esse o espírito.

Pri: Não se esqueça da proteção todos os dias!

Drica: JAMAIS, PRIMA. ERA ISSO QUE EU TINHA PARA CONTAR, MENINAS. A PARTIR DE SEGUNDA, NADA DE CELULAR NO PLANTÃO, PARA MINHA PRÓPRIA SEGURANÇA.

Eu: Claro que não. Você estará num lugar suscetível à contaminação, então, esquece!

Rafa: Eu queria trazer vocês todas para cá. Aqui, nada ainda da doença.

Pri: Você está no paraíso, Rafa.

Drica: VERDADE.

Eu poderia facilmente me esquecer dos problemas, se ficasse o dia todo conversando com as meninas. Qualquer que fosse o perrengue, elas estavam sempre prontas para ajudar com palavras de apoio e conselhos, mesmo que alguns não valessem nem um real. O que contava nessas horas eram o companheirismo e a empatia característica de todas.

Despedi-me de todas, pedindo que se cuidassem, principalmente a Drica que, como enfermeira, trabalharia na linha de frente. Permaneci metade do dia deitada na cama, após tomar uma aspirina para dor de cabeça. Acordei desidratada por conta da quantidade de *Cabernet Sauvignon* que bebi. Um repouso depois de ingerir bastante água ajudaria no processo de melhora.

Tive bastante tempo para pensar em como as coisas desencaminharam ontem no jantar. Eu sei que tive minha parcela de culpa na história, mas Marcelo também não ajudou. Para início de conversa, duas pessoas inebriadas de desejo e proibidas de se tocarem não deveriam ser colocadas no mesmo espaço, com quase nada as impedindo de cometerem tal insanidade. Também não poderiam encher a cara até perderem o controle do seu próprio corpo. Nem mesmo sucumbido aos desejos carnavais e excitado o outro com devaneios sexuais.

Havia tantos motivos para a noite de ontem ter dado errado que só um idiota não teria previsto. Ou, duas pessoas cegas pela luxúria.

Meu celular apitou, desconectando-me das ponderações que fazia sobre o jantar. Verifiquei que era uma mensagem justamente de Marcelo.

Marcelo: Boa tarde, Sam. Você acordou bem?

De imediato, hesitei em responder. Antes que lhe enviasse algo, ele me mandou outra mensagem:

Marcelo: Você tem luvas em casa?

Que tipo de pergunta era aquela? Depois de ontem, eu esperava mais do que uma conversa casual. Mas, se ele optou assim...

Eu: Boa tarde. Dormi sim, e tenho a luva.

Marcelo: Ótimo. Coloque-as e me encontre na varanda. Não esqueça também da máscara.

Aquelas instruções me intrigaram. *O que Marcelo inventou dessa vez?* Só esperava que não fosse algo tão descabido como um passeio a céu aberto.

Como um gesto de boa fé, fiz o que ele pediu. Coloquei a bendita luva e a máscara e fui ao seu encontro. Era fim de tarde e fazia mais frio que a noite anterior. Ao chegar à varanda Marcelo já estava lá, de máscara e sem luvas.

— Oi.

— Oi. — Mesmo depois de ontem, não podia ignorar o quanto ele me afetava. Senti uma euforia no peito e a respiração ficou irregular. - Você me pediu para vir, aqui estou. O que quer Marcelo?

Ele me encarou parado na mureta.

— Quero te propor uma interação. Aguardei a sua chegada para colocar as luvas.

Encarei-o de volta. Não havia brincadeira ali. As propostas de Marcelo se tornavam cada vez mais perigosas e tentadoras. Nós estávamos mexendo num vespeiro e uma hora pagaríamos o preço.

— Não sei o que você tem em mente, mas acho que não é uma boa ideia brincarmos com as emoções. Olha o que aconteceu ontem...

— Ontem nós bebemos e nos deixamos levar pelo álcool. Hoje eu quero te mostrar que a paixão é real e não uma pegadinha das nossas mentes.

Marcelo apanhou o par de luvas, as colocou e me chamou para me aproximar do ponto de união entre nossas varandas. Paramentada, caminhei até ele. Ele analisou, minuciosamente, os meus detalhes. Essa era a primeira vez que ficávamos tão próximos.

— Você fica misteriosa usando essa máscara. Seus lábios são bastante comunicativos. Se não os vejo, fica difícil saber se está feliz ou triste.

— É estranho não podermos ver o rosto todo da outra pessoa. - Aproveito a proximidade para apreciá-lo também. Suas tatuagens são incríveis.

— Pode tocar se quiser. Para isso que servem as luvas.

Sua explicação fez meu corpo ansiar tanto pelo contato que eu não ponderei os prós e contras do oferecido. Os braços de Marcelo estavam esticados, ele os apoiava na mureta. Levei a mão até alcançar a altura do seu antebraço. O encontro com a sua pele foi delicado, quase como algo quebrável. Senti o contato com a superfície da sua carne rija, mas não a pele em si, afinal havia uma barreira entre nós: a luva. Tentei não focar nesse detalhe e percorri a sua tatuagem tribal. Aos poucos, ia intensificando a pegada. Apreciei o seu calor e isso me animou a percorrer o outro braço também. Minha mão passou até seu bíceps.

Arrisquei olhar para ele e imaginar o que sentia, se gostava de ser tocado, tanto quanto eu de fazê-lo. Marcelo estava imóvel encarando meus dedos deslizarem pelo seu tórax. Acompanhei o movimento do seu pomo de Adão visível abaixo da máscara quando ele engoliu em seco. Desci meu olhar para um ponto abaixo da sua cintura, um lugar desconhecido para mim até agora. A visão do volume em suas calças me deixou tão vacilante que apertei o seu braço mais forte do que gostaria em busca de apoio. Isso acabou chamando a sua atenção e eu fui flagrada encarando as suas partes baixas.

— É isso mesmo que está vendo Sam. Essa é a reação que você causa em mim. Não existe sentimento confuso. Conto as malditas horas para poder te tocar. — Marcelo levou a mão enluvada aos meus cabelos. — Eu quero tanto conhecer cada pedacinho desse seu corpo que uma noite só será pouco.

Ele pegou uma mecha e a deslizou entre seus dedos. Senti a pressão do empuxo em meu couro cabeludo e arrepios seguiram por todo o corpo. Os dedos de Marcelo desceram e repousaram no colo dos meus seios. Ofeguei com a sensação do toque na pele, mesmo que por luvas. Provocador, ele fez o mesmo percurso que a minha mão na noite anterior, deslizando pelos montes e subindo até o meu pescoço. Ele encontrou a minha nuca e intensificou a pegada, repousando a outra mão em minha cintura, segurando-me em um movimento antecipado ao beijo.

— Marcelo... — Supliquei.

— Só podemos ir até aqui, Sam. Esse é o nosso limite.

Estávamos inebriados de excitação. As respirações irregulares não nos deixavam mentir. Chegamos ao extremo do moral e da licitude. Se transpassássemos, não haveria volta.

Precisei de muita força e autocontrole para me afastar. O desejo deu lugar a dor e a frustração. O que estávamos fazendo ao nos colocar numa situação tão masoquista? Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto eu tomava uma distância segura. Marcelo nada disse. Sabia que a decisão tinha sido tomada quando nos desconectamos.

— Eu não posso mais fazer isso. — A visão embaçada pelas lágrimas não me permitia vê-lo.

— Não pode? Por quê?

— Não dá Marcelo. Eu não consigo ficar longe de você e aceitar isso numa boa. Simplesmente não posso.

— E como chegou a essa conclusão se a alegação era de confusão sobre o

que sentia?

— Eu não sei... – Seus questionamentos me embaralharam. Não conseguia explicar como cheguei à conclusão, era simplesmente instintivo e pronto.

— Sabe sim, só não admitiu ainda.

— Do que você está falando? – Enxuguei as lágrimas e a imagem de Marcelo surgiu nítida na minha frente.

— Que você também está apaixonada por mim. - Seu rosto demonstrava uma calma que não encontrei em mim. – Por mais inesperado que seja esse sentimento, não dá para camuflá-lo com dúvidas e hesitações. Para ser completo, ele tem de ser vivido Sam.

— Como? Se eu nem posso te tocar? Isso que acabamos de fazer foi frustrante e só provou que nossa situação é uma droga de espera sem fim.

— Tudo é questão de ponto de vista. Para mim, tocar você, mesmo que dessa forma, foi maravilhoso e muito mais do que tivemos em dias.

— Mas, e daí quando quisermos mais?

— Esperamos.

Eu não conseguia acreditar na sua calma depois de tudo o que aconteceu.

— Não dá para mim... Não consigo me contentar só com a expectativa da espera.

— E o que propõe então?

— Nada

— Nada?

— Isso mesmo, chega de propostas. Eu desisto Marcelo. Não quero mais passar os dias acumulando decepções depois de passar momentos incríveis na sua companhia. Não é justo comigo, nem com você.

— Então isso é um adeus?

— Não sei o que isso significa, mas acho que nos afastarmos é o certo a fazer.



Nos dias que se seguiram eu não vi Marcelo. A minha vida voltou à mesma rotina de antes. Acordar cedo, fazer exercícios, limpar e limpar. À noite, ainda tentei voltar a nossa maratona de série na televisão, mesmo que sozinha. Mas a solidão e o tédio me fizeram abandonar o programa que tanto me lembra Marcelo.

As meninas foram solidárias a minha causa e até propuseram se revezar para me fazer companhia, mas eu sabia que cada uma tinha suas vidas e compromissos para precisar se preocupar comigo, afinal éramos bem grandinhas para isso.

Marcelo respeitou a minha decisão e se afastou completamente. Ou quase isso. Mesmo separados, sentia a sua presença em todos os lugares. Ao fazer exercícios na varanda, por exemplo, sentia-me vigiada, o que era uma loucura, pois a cortina da sua varanda permaneceu fechada todos esses dias. Intrigada, cheguei à conclusão que morar ao seu lado contribuía para essa impressão.

O seu respeito pela minha decisão deveria me tranquilizar, pois assim, seria muito fácil passar por tudo sem a sua presença para lembrar todos os dias do que abri mão. O problema é que ocorreu exatamente o contrário. Sem ele por perto, senti sua falta todo momento.

Três dias após a briga, no décimo dia do isolamento de Marcelo, cedi e enviei uma mensagem de texto perguntando se ele estava bem. Não recebi resposta. Seu silêncio me preocupou, pois, se fui eu quem deu o primeiro passo para uma possível reaproximação, seria natural ele se sentir a vontade para falar.

E se ele tivesse se cansado das minhas paranoias e desistido de nós dois?

Comecei a pensar na hipótese de ele ter virado a página e seguido em frente. Aquela terrível constatação me deixou temerosa. Isso acendeu uma alerta em mim. Poderia eu sentir algo por Marcelo que se assemelhe a paixão? E se sim, como eu resolveria o problema que causei? O que faria para que ele entendesse que eu tinha medo de me envolver? Cada vez que eu questionava, mais confusa ficava.

Eu: Preciso de ajuda, meninas.

Pri: Manda, amiga.

Rafa: Opa! Estou aqui.

Drica: AINDA TENHO UNS MINUTOS ANTES DO PLANTÃO.

Eu: Vocês acham que eu estou apaixonada pelo Marcelo?

Drica: NOSSA! ELA FINALMENTE SE TOCOU!

Pri: Ah, Sam, lógico! Tá na sua cara!

Rafa: Não queria concordar, mas é verdade amiga. Você está caidinha pelo vizinho.

Eu: Mas como vocês viram isso e eu não?

Rafa: Sam, eu te conheço desde criança. Você é toda metódica com a sua rotina. Não seria um homem qualquer que a bagunçaria.

Pri: E está toda falante. Quando é que ficamos sabendo dos seus romances? Desculpa te dizer, mas você não anda contando muita coisa

pra gente.

Drica: E SEUS OLHOS BRILHARAM AO NOS FALAR DELE NO DIA DA VARANDA. PARECIA UMA CRIANÇA COM UM DOCE.

Não havia motivos para duvidar das meninas, afinal, elas me conheciam mais do que eu mesma.

Drica: SE EU FOSSE VOCÊ, DECLARAVA LOGO O QUE SENTE.

Eu: Mas eu estraguei tudo. Agora não adianta mais...

Pri: Não diga isso. *“Nada está perdido, antes mesmo de estar perdido”*. Acho que é assim que se fala, rs.

Rafa: O cara mora aí do lado. Vai lá e fala com ele.

Drica: OU MANDA MENSAGEM PARA EVITAR O CONTATO.

Eu: Já enviei mensagem e ele não me responde.

Rafa: Talvez ele tenha te dado espaço. Não foi você mesma quem pediu?

Pri: Verdade.

Eu: Sim, sei que pedi. Mas, eu estava confusa e... Essa pandemia está enlouquecendo todo mundo. Com tantos casais brigando e se separando, como um nasceria no meio do caos?

Drica: ESSA PERGUNTA FICA PARA A PRI QUE TEM EXPERIÊNCIA NO ASSUNTO.

Pri: Os sentimentos podem surgir de maneiras inusitadas. Quando nos apaixonamos por um ator ou cantor, por exemplo. Não podemos tocá-lo pela TV, mas isso não impede de cultivarmos sentimentos por ele.

Rafa: E você lembra do meu relacionamento virtual com o Lipe? Quando vim para a Nova Zelândia, ficamos meses namorando só pelo telefone. E eu ainda era apaixonada por ele.

Eu: Estou entendendo onde querem chegar, mas vocês não sabem o que é ver, tocar e não poder ter.

Drica: SENHOR! IMAGINO SIM!

Pri: Nós tivemos a prova aquele dia amiga, rs.

Rafa: De qualquer forma, eu não acredito que ele tenha desistido. Acho que, se até você mesma não sabe exatamente o que sente, o Marcelo está tentando te dar uma bela lição para que entenda.

Eu: Será?

Rafa: Não duvido minha garota apaixonada.

Eu: Obrigada pelas palavras meninas. Vocês são as melhores!

Na manhã do décimo terceiro dia, penúltimo do distanciamento, acordei nostálgica e mal humorada. Seguia sem uma palavra de Marcelo, que parecia ter até se mudado do prédio. Mas eu sabia que não. Seu Cláudio me garantiu que entregou correspondências para o meu vizinho há dois dias e que entregas de restaurantes têm chegado para ele diariamente.

Os dias anteriores foram mais dos mesmos, com uma diferença, consegui um emprego freelancer para cuidar do marketing digital de algumas empresas que procuraram uma antiga agência em que trabalhei. Então, das nove as quinze eu estava ocupada cuidando das propagandas digitais dos clientes. Essa novidade serviu para preencher meu tempo, mas não ajudou com a saudade que eu sentia.

Pensei várias vezes em contar para ele que eu estava trabalhando, mas deixei para lá. Havia tentado contato mais uma vez no dia anterior, sem sucesso. Àquela altura, até as meninas começaram a estranhar o seu comportamento. Elas acharam que o período do gelo durava tempo demais.

Mas, na meia noite do último dia do distanciamento, as coisas mudaram. Acordei com batidas na parede da sala e rock pesado a tocar. O som alto incomodou de verdade. Atordoada e sonolenta demorei ainda uns segundos para processar que, se vinha do apartamento vizinho, só podia ser Marcelo. Levantei-me da cama num pulo e fui até lá. Acendi a luz inspecionando o lugar. Tudo estava do mesmo jeito. De repente, a música barulhenta parou. Em seu lugar, *Iris*, do *Go Go Dolls*, preencheu o ambiente.

Marcelo sabia que eu curtia a banda e amava aquela música. Emocionei-me com a letra que falava sobre o desejo do cara de tocar a amada. Corri para a varanda na esperança de vê-lo, mas ele não estava lá. A porta aberta e a luz fraca vinda de dentro do apartamento me permitia ver o ambiente. Procurei por ele e nada. Nesse momento, ouvi a porta do seu apartamento bater. Voltei para dentro e encontrei um bilhete passado por baixo da entrada:

Eu te dei espaço, Sam. Suas ideias estavam confusas e precisavam de tempo para organização. Se você foi do céu ao inferno como eu nesses últimos dias, já descobriu o que verdadeiramente sente. Contando os minutos para poder te encontrar.

Marcelo.

Eu já estava emocionada com a música e ler aquela mensagem fez com que um turbilhão de emoções se iniciasse dentro de mim. Eu queria encontrá-lo, queria gritar com ele pelo que me fez passar, só para depois beijá-lo. Descobri que ele incitava sentimentos em mim que eu nem sabia existir, e isso era assustador. Talvez tenha sido esse medo que fez com que eu o afastasse. Minha vida era feita de regras as quais aprendi a zelar. Ordem e controle faziam parte delas.

Vivenciar a pandemia e sofrer uma quarentena sem fim abalou o meu mundo. Apaixonar-me por Marcelo, também. Eu só esperava que esse sentimento fosse forte o bastante para sustentar o que viria depois. Mas isso só o tempo poderia dizer, e se eu quisesse viver intensamente esse sentimento teria que pagar para ver.

Passamos o dia todo nessa dinâmica. Marcelo colocava músicas para

ouvirmos e dava batidas na parede para se mostrar presente. Apenas o bilhete foi substituído por mensagens de texto no celular. E eu recebi várias delas. Parece que ele queria ocupar o meu dia de todas as formas possíveis.

Marcelo: Você precisa mudar o seu treino aeróbico. É muito chato fazer o mesmo todos os dias.

Eu: Não acredito que você me observou todos esses dias!

Marcelo: Alguém aqui abriu precedentes para isso.

Eu: Seu *voyeur* tarado!

Marcelo: Não queira nem saber como me deixou.

O último comentário me excitou. Imaginei-o se tocar ao me observar fazendo ginástica. Eu estava sensível desde a manhã com o prenúncio do dia seguinte. Não parava de pensar que finalmente Marcelo e eu ficaríamos frente a frente, sem barreiras, nem restrições.

Tentei trabalhar. Consegui mergulhar em alguns projetos no computador, mas assim que o serviço acabou meus pensamentos voaram novamente para ele. contei a novidade para ele que ficou muito feliz por mim. Ele também tinha terminado de revisar o livro e o enviou para a editora. Aguardava um retorno com uma possível data de lançamento. Senti orgulho do seu avanço.

Eu: Amanhã?

Marcelo: Sim, amanhã.

Eu: Você está pensando muito nisso?

Marcelo: E você não?

Eu: Na verdade sim também... já pensou em como vai ser?

Marcelo: Chega planos... Vamos deixar que as coisas aconteçam naturalmente.

Marcelo podia não ter planos, me eu sim. Passei por um ritual de beleza a noite com direito a depilação, esmaltaria e cabelereiro. No dia seguinte escolheria roupa, lingerie e sapato. Queria que nosso encontro fosse perfeito, mesmo não sabendo exatamente como ele seria.



Coincidência ou não, Marcelo terminou o período de distanciamento numa sexta-feira. Estávamos em pleno fim de semana, sábado, primeiro dia do resto de nossas vidas e eu havia despertado cheia de expectativas. Enviei uma mensagem para ele, mesmo sabendo que só acordaria na parte da tarde e ainda não era nem oito da manhã.

Eu: Paciente com dispensa do distanciamento social. Volte para a quarentena e faça muito sexo com a Sam!

Assustei-me com a ousadia da mensagem. Referi a mim mesma na terceira pessoa. A vantagem de ficar atrás da tela é que isso nos deixava desinibida. E o dia de hoje, também. Mas não importava. Sentia-me tão animada que qualquer equívoco seria um privilégio merecido.

Enquanto me distraía imaginando como seria o nosso encontro, ouvi o som da campainha. Quem seria? Seu Carlos não costumava entregar correspondência no final de semana, a não ser que fosse algo urgente. Meu coração saltou ao pensar em outra possibilidade: de ser Marcelo ali, afinal, nada mais o impedia de me encontrar.

Apressei-me a atender. Escancarei a porta ansiosa por vê-lo, mas dei de cara com um corredor vazio. A expectativa deu lugar para a confusão. Acreditei que o encontraria em pé na minha porta. Até olhei na direção da sua entrada, mas nada, o apartamento estava silencioso. Ele devia dormir ainda e eu fantasiava coisas.

Mas se não era o Marcelo a chamar, então quem tocou a campainha do meu apartamento?

Como se respondesse ao questionamento, mãos enormes me surpreenderam e me abraçaram por trás.

— É aqui que mora a Sam? É que eu tive alta e recebi ordens explícitas de fazer muito sexo com ela. – A voz grossa e conhecida preencheu o ar.

Primeiro, achei que não fosse aguentar a emoção ao sentir todo aquele calor nas minhas costas e sua presença masculina. Depois, achei que estava num sonho. Eu queria tanto poder sentir o Marcelo que não consegui acreditar. Percorri com as mãos seus braços ao meu redor, dessa vez, sem luvas. A sensação era maravilhosa e tive certeza de que a espera, enfim, tinha acabado.

Virei para encará-lo sem abandonar o seu abraço. Repousei meus braços ao redor do seu pescoço. Nossos olhares se encontraram e a eletricidade tão familiar tomou conta do ar. Marcelo estava com uma barba por fazer, que eu pedi que ele deixasse por achar sexy, tinha os cabelos molhados e usava apenas uma de suas calças pendendo perigosamente em seus quadris.

Marcelo me analisava da mesma forma. Eu usava um *babydoll* rosa de algodão. Fui pega de surpresa e não tive tempo de colocar uma roupa mais sexy, o que no final das contas não fez diferença. O volume das suas calças pressionava meu ventre provando que, mesmo de pijama, eu o afetava. Ele era uns bons centímetros mais alto que eu e o encaixe do abraço foi perfeito.

Ansiosa por mais contato, fiquei na ponta dos pés e abocanhei seus lábios macios. Marcelo correspondeu o beijo com paixão. Nossas línguas se encontraram afoitas, ambas queriam explorar as bocas desconhecidas. O beijo era quente, molhado, inebriante, exatamente como imaginei. Busquei guardar cada segundo daquele primeiro contato na memória. A cena, as sensações e o gosto.

Separamo-nos em busca de ar. Minhas pernas estavam bambas de desejo. Ele não pensou duas vezes e me ergueu do chão. Enrosquei minhas pernas ao redor da sua cintura enquanto ele nos levava para dentro de casa. Fui

imprensada contra a parede entre beijos ardentes.

As carícias se intensificaram. Marcelo arrancou minha blusa, jogando-a em um canto qualquer. Parecíamos dois corpos sedentos em busca de saciedade. Meu centro buscava o prazer na fricção contra o seu volume. Meus cabelos se tornaram um emaranhado em sua mão. Ele guiava nosso beijo com uma, enquanto abraçava minha cintura com a outra.

Seguimos até o quarto. Marcelo me colocou na cama ainda desfeita. Com urgência, livramo-nos do resto da roupa. Seu olhar contemplativo pousou em meus seios. Permaneci deitada e encharcada, deixando que ele apreciasse a vista ali. Encarei seu membro ereto e pulsante. Entendi naquele momento que não haveria joguinhos na primeira vez. Ele se posicionou no meio das minhas pernas, desceu a mão até minhas panturrilhas e as separou. Pegou o preservativo e o colocou. Depois, desceu sobre mim, pairando no ar até que se encaixasse na minha entrada.

Marcelo me encarou com luxúria e desejo. Acenei para que ele prosseguisse. Ele deslizou para dentro e eu arqueei as costas com a intensidade do prazer. Gemi envolta em desejo e excitação. Nossas bocas se uniram quando os membros também o fizeram. Movemo-nos lentamente primeiro e depois rápido, em busca do ápice. Saciamos uma das vontades reprimidas em quatorze dias, mas aquilo era só o começo. Marcelo foi perfeito e, no fim, explodimos em êxtase e paixão.

Houve tempo para toques, carícias, brincadeiras e contemplação. Mais tarde, já deitados, aninhada junto ao seu corpo, uma dúvida pairou no ar.

— Lá fora, como chegou até mim? Quer dizer, sua porta estava fechada, como você apareceu por trás? – Marcelo deslizava seus dedos em minha lateral, excitando-me novamente e já me fazendo querer mais.

— Hum... Saltei uma certa varanda e vim pelo seu apartamento para fazer a surpresa.

— Você me enganou direitinho. Achei que ainda estivesse dormindo.

— Sam, eu não dormi essa noite, esperando a melhor hora para vir.

— Verdade? – Virei-me. Marcelo estava sério, o olhar carregado de lascívia. Ele acenou com a cabeça. – Estou feliz demais por ter você aqui. Passei os últimos dias achando que você tinha desistido.

— Jamais desistiria de você. Mesmo confusa. Eu sei que a quarentena tem deixado muita gente doida, mas eu não quero que a sejamos apenas estatística. Por isso precisava tê-la inteiramente ciente de que estava caidinha por mim.

— Ah, você é muito convencido sabia?

— Convencido e apaixonado.

— E eu, apaixonada por você.

Marcelo me surpreendeu, girando-me na cama. Seu corpo pairou sobre o meu, pronto para nos perdermos novamente. Aos poucos, aprendia muito sobre o homem que conquistou o meu coração, mas o que eu tinha certeza é de que ele sempre seria meu porto seguro nos momentos de tempestade. Mesmo quando tivesse as crises de ansiedade.

— Pois pode se preparar, Sam, porque eu não vou embora tão cedo. Enquanto estivermos juntos, a última coisa que sentirá, será dúvidas sobre nossa relação. Você chegou na minha vida na hora certa, mesmo com o distanciamento. E eu vou fazer com que se lembre disso todos os dias. Comigo, ao seu lado essa quarentena será apaixonante!

Fim

Agradecimentos

Quero agradecer a minha amiga e escritora Dani Mart, que fez com que essa publicação fosse possível. Você me ajudou de todas as maneiras, física e espiritualmente. Obrigada por seus sábios conselhos, sugestões e apoio. Quando eu achei que não fosse possível, encontrei palavras encorajadoras para me fazer seguir em frente.

Obrigada, também, à Mirna Paixão, que fez a correção ortográfica em tempo recorde.

Sobre o autor

J. M. Dantas



Mãe, mulher, trabalhadora, estudante, dona de casa.

Entre tantos afazeres, é na escrita que dou asas à imaginação. Escrever se tornou uma necessidade da alma e levar as melhores histórias aos leitores a minha realização.

É com o maior prazer que trago à vida personagens incríveis. Eles irão te fazer rir, chorar, se apaixonar ou odiá-los. Essa é a verdadeira intenção, aflorar sentimentos guardados no íntimo das pessoas.

Sintam-se à vontade para comentar, criticar e dar sugestões, porque sem vocês as histórias só seriam palavras no papel e não poderiam viajar pelas memórias dos que por ela mergulharam.

Meu coração é uma fábrica de emoções e meus pensamentos uma máquina de ideias a todo vapor.

Amo o que faço e entrego ao leitor o melhor de mim.

Livros deste autor

Estrela Imperfeita

Para Selina, Claus é um troglodita e um brutamonte.

Para Claus, Selina é uma atriz de cinema teimosa e inconsequente.

Mesmo que o reencontro não tenha sido dos melhores, os dois não poderão ignorar a atração deliciosa que sentiram um pelo outro.

Selina Monteiro é atriz brasileira e a queridinha do momento em Hollywood . Envolvida num escândalo amoroso, a jovem volta ao Brasil, juntamente com seu agente e amigo, Ortega. Para se esconder do assédio dos paparazzi, a estrela de cinema refugia-se na fazenda de sua tia Carmem, a belíssima Solares.

Lá também é a casa de Claus. Apesar de ter sido criado num lar com amor, ele reluta ser merecedor desse sentimento e vai negar a todo custo, também, o que sente por Selina.

Entre banhos de cachoeira, passeios a cavalo e confusões de enlouquecer, Selina e Claus vão brigar muito até descobrir que nem tudo precisa ser perfeito para se tornar incrível!